

# A LEITURA COMO PRÁTICA SOCIAL: MULHERES ATRAVÉS DA LITERATURA TRANSFORMAM QUARTOS DE DESPEJO EM BIBLIOTECAS

*READING AS A SOCIAL PRACTICE: WOMEN THROUGH LITERATURE TRANSFORM TRASH ROOMS INTO LIBRARIES*

*LA LECTURA COMO PRÁCTICA SOCIAL: MUJERES A TRAVÉS DE LA LITERATURA TRANSFORMAN CUARTOS DE DESECHOS EN BIBLIOTECAS*

Jaqueline Maria Pacheco<sup>1</sup>  
Danielle Fracaro Cruz<sup>2</sup>

## Resumo

Este trabalho trata do tema leitura como prática social. Nele observa-se a forma como a literatura/leitura pode influenciar práticas sociais cotidianas de leitoras e escritoras que viveram em um contexto de periferia. O objetivo principal é analisar narrativas produzidas por autoras negras brasileiras que viveram nesse cenário e identificar aspectos que se relacionam nos seus textos. Para isso, será analisado o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, escrito por Carolina Maria de Jesus, o qual será cotejado com o livro *Becos da memória*, concebido por Conceição Evaristo. O estudo apresenta como base teórica e metodológica uma pesquisa bibliográfica realizada em bancos de dados, sites de periódicos científicos, artigos e bibliotecas. Os principais resultados foram a comprovação de que a leitura como prática social impactou e modificou a realidade destas escritoras; através da leitura e da escrita elas tiveram condições de enfrentar-se a um lugar de submissão imposto por uma sociedade que as relegava à margem.

**Palavras-chave:** prática social; literatura; quarto de despejo; Carolina Maria de Jesus; Conceição Evaristo.

## Abstract

This work deals with the theme of reading as a social practice. It shows how literature/reading can influence the daily social practices of readers and writers who lived in a peripheral context. The main objective is to analyze narratives produced by black Brazilian authors who lived in this scenario and identify aspects that are related in their texts. For this purpose, we will analyze the book *Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus*, written by Carolina Maria de Jesus, which will be compared with the book *Becos da memória*, conceived by Conceição Evaristo. The study has a theoretical and methodological basis bibliographic research carried out in databases, websites of scientific journals, articles, and libraries. The main results proved that reading as a social practice impacted and modified the reality of these writers; through reading and writing, they were able to face a place of submission imposed by a society that relegated them to the margins.

**Keywords:** social practice; literature; trash room; Carolina Maria de Jesus; Conceição Evaristo.

## Resumen

Este trabajo trata el tema de la lectura como práctica social. En él, se observa la forma como la literatura/lectura puede influir sobre prácticas sociales cotidianas de lectoras y escritoras que vivieron en un contexto periférico. El objetivo principal es analizar narrativas producidas por autoras brasileñas negras, que vivieron en ese escenario, e identificar aspectos que se relacionan en sus textos. Para ello, se analizará el libro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, escrito por Carolina Maria de Jesus, el cual será comparado con el libro *Becos da memória*, concebido por Conceição Evaristo. El estudio presenta como base teórica y metodológica una investigación bibliográfica realizada en banco de datos, webs de periódicos científicos, artículos y bibliotecas. Los principales

---

<sup>1</sup> Graduada em Bacharelado em Letras pelo Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: jaque.pacheco07@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Teoria Literária, professora e tutora dos Cursos de Letras, Linguagens e Sociedade, Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: danielle.cr@uninter.com.

resultados fueron la comprobación de que la lectura como práctica social ha producido impacto y modificado la realidad de esas escritoras; a través de la lectura y de la escritura, ellas pudieron enfrentarse a un puesto de sumisión impuesto por la sociedad que las dejaba al margen.

**Palabras-clave:** prática social; literatura; cuarto de desechos; Carolina Maria de Jesus; Conceição Evaristo.

## 1 Introdução

O tema escolhido para a realização deste trabalho é a leitura como prática social; o objetivo principal é analisar narrativas produzidas por escritoras negras brasileiras que viveram em um contexto de periferia e identificar aspectos que se relacionam entre essas narrativas. Primeiramente, será analisada a obra, publicada em 1960, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, escrita por Carolina Maria de Jesus entre 15 de julho de 1955 e 1 de janeiro de 1960. Posteriormente, essa obra será relacionada com a narrativa *Becos da memória*, escrita por Conceição Evaristo em 1987/88, publicada pela primeira vez em 2006. Sob uma ótica reflexiva, considerando o contexto de produção e publicação das duas obras, pretende-se investigar de que forma a literatura/leitura pode influenciar práticas sociais e cotidianas de leitoras/escritoras que viveram nesse mesmo contexto.

A importância e o interesse pela pesquisa devem-se à constância da situação atual da leitura no país, uma vez que tem se tornado cada vez mais relevante questionar quantos livros são escritos por mulheres e, entre elas, quantas são negras, por exemplo. A pesquisa *A personagem do romance brasileiro contemporâneo*, coordenada pela professora e pesquisadora Regina Dalcastagnè, analisou os romances publicados por autores brasileiros no período de 1990-2004 e aponta que o perfil destes escritores é formado por homens (72,7%), brancos (93,9%), de classe média, com diploma superior e profissões relacionadas com a produção de discurso: jornalistas, professores universitários, escritores profissionais e residentes do eixo Rio-São Paulo. A pesquisadora também constata a ausência de dois grupos no romance brasileiro analisado: o dos pobres e o dos negros (DALCASTAGNÈ, 2005).

A última edição da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, publicada em 2019 (BRASIL, 2020), mostra que o país perdeu cerca de 4,6 milhões de leitores entre 2015 e 2019. Isso traz a seguinte reflexão: se fossem lidas mais obras escritas por mulheres, como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, as estatísticas seriam diferentes? Pesquisas realizadas acerca dos livros mais vendidos demonstram que essa é a realidade de muitos lares brasileiros. A Revista Veja, por exemplo, publica semanalmente uma relação dos livros campeões de venda no país e, analisando uma dessas listas<sup>3</sup>, percebe-se que, entre os dez livros mais vendidos, oito

---

<sup>3</sup> A lista de livros mais vendidos utilizada como referência foi publicada pela revista em 23/06/2021.

foram escritos por homens (dois são brasileiros) e dois foram escritos por mulheres americanas. Entre esses títulos, não há nenhuma obra produzida por escritora brasileira. Sabe-se que um livro comprado não significa um livro lido, porém a partir dessas pesquisas é possível ter uma boa perspectiva das leituras que despertam maior interesse.

Diante do exposto, torna-se evidente a importância da valorização de autoras brasileiras, ainda que o mercado editorial seja bastante restrito e que pouca visibilidade seja concedida a elas. Afinal, quando essas obras conseguem obter espaço e voz, elas rompem os muros da academia e da literatura e se tornam ferramentas de impacto social.

Este trabalho apresenta como base teórica e metodológica uma pesquisa bibliográfica, que tem por objetivo aprofundar o conhecimento sobre o tema proposto, além de alcançar os objetivos apontados. Através de abordagem qualitativa, a pesquisa bibliográfica será empreendida em bancos de dados, sites de periódicos científicos, artigos, livros e bibliotecas.

## **2 Metodologia**

Este estudo apresenta como base teórica e metodológica uma pesquisa bibliográfica realizada em material já publicado em bibliotecas, bancos de dados, periódicos científicos, artigos e livros e, em especial, nas obras *Quarto de despejo* e *Becos da Memória*. A abordagem escolhida foi a qualitativa, por melhor atender as especificidades dos objetivos propostos e por tratar-se de uma pesquisa relacionada com fenômenos de ordem social e cultural.

## **3 A leitura do presente como prática social que fundamenta a construção do futuro**

Através da leitura, da literatura e da escrita, o ser humano adquire uma possibilidade singular de organizar suas experiências e pensamentos; essa organização se transforma em prática social que influencia a vida do indivíduo e a sociedade em que ele está inserido. Para Antonio Candido, as palavras e os sentidos que essas atividades apresentam poderiam ser, metaforicamente, comparados a tijolos, de modo a reconhecer o papel que a leitura pode exercer como forma de construção do pensamento crítico e visão de mundo.

Se fosse possível abstrair o sentido e pensar nas palavras como tijolos de uma construção, eu diria que esses tijolos representam um modo de organizar a matéria, e que enquanto organização eles exercem papel ordenador sobre a nossa mente. Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo (CANDIDO, 2011, p. 179).

Essa perspectiva de Candido pode ser observada na obra de Carolina de Jesus, já que para ela a leitura e a escrita são empregadas como ferramentas de organização e compreensão da sua realidade, uma forma de poder assimilar as experiências de seu cotidiano, bem como as relações com as pessoas de seu convívio, seja na favela, seja na cidade. A autora tinha uma forma bastante particular de ler o meio social em que vivia. A partir de uma visão crua, porém sensível, ela analisa em seu diário questões como política, relacionamentos e caráter, como observa-se no trecho a seguir:

Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos<sup>4</sup> (JESUS, 2014, p. 54).

Percebe-se que esta leitura de Carolina de Jesus parte de um narrador que se inclui no relato, é bastante profunda e brutal. As margens dos rios são conhecidas como lugares férteis, um solo rico e propício para o cultivo, mas no contexto desse relato assumem uma conotação negativa. As margens em que os pobres habitam fazem com que sejam vistos como marginais, colocados à parte da sociedade, desprovidos de condições mínimas para viver com dignidade como emprego, moradia, e alimentação e, dessa forma, segundo a perspectiva da autora, eles perdem a sua humanidade e se transformam em animais.

*Quarto de despejo – Diário de uma favelada* é um livro marcado pela miséria; a fome é uma protagonista, mas divide espaço com a necessidade que a escritora manifesta pela prática da leitura e da escrita. Quando questionada sobre sua motivação para começar a escrever, Carolina afirma “quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia” (JESUS, 2014, p. 195). Ou seja, para ela essas atividades eram um espaço alternativo, oposto à violência que a rodeava e a constante negação de seus direitos.

De acordo com Candido, a literatura deveria ter a mesma importância de outros direitos humanos como alimentação, moradia, saúde, liberdade individual e outras necessidades fundamentais para a vida humana. Sob essa ótica, ele define literatura como “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos” (CANDIDO, 2011, p. 176). Para o crítico literário, nenhum homem pode viver sem ter acesso a esse bem e reitera que “talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (CANDIDO, 2011, p. 177). Dessa forma, a literatura é conceituada por ele como um importante instrumento para o conhecimento e para a formação do indivíduo.

---

<sup>4</sup> Todos os trechos citados foram transcritos conforme a escrita de Carolina Maria de Jesus em seu livro. Caderno Intersaberes, Curitiba, v. 11, n. 33, p. 91-104, 2022

Carolina Maria de Jesus, ao escrever sobre seu interesse pela literatura, declara que “A transição de minha vida foi impulsionada pelos livros. Tive uma infância atribulada. É por intermédio dos livros que adquirimos boas maneiras e formamos nosso caráter” (JESUS, 2014, p. 195). A leitura era parte importante de sua rotina e lhe propiciava momentos de deleite; essas pequenas alegrias são registradas em seu diário: “Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a maior invenção do homem” (JESUS, 2014, p. 24).

Porém, além do prazer e do entretenimento, ela depositava na escrita e na sonhada publicação de seu livro, a esperança de conquistar a casa de alvenaria e a mudança para um lugar com melhores condições de vida. “É que estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela” (JESUS, 2014, p. 27).

O dia a dia de Carolina e de sua família, registrado no diário, aponta uma repetição dos afazeres, como levantar-se, buscar água, andar pelas ruas em busca de algo que pudesse ser vendido para comprar comida, realizar tarefas domésticas, escrever, ler e descansar. A pobreza é uma vivência diária e figura constante, sempre presente na preocupação em garantir o sustento dos filhos; para a escritora, a fome que ela apelidou de “amarela” era a atual forma de escravidão.

O crítico Carlos Vogt, no ensaio intitulado *Trabalho, pobreza e trabalho intelectual*, publicado no livro *Os pobres na literatura brasileira*, organizado por Roberto Schwarz, faz uma análise a respeito da representação da pobreza na obra de Carolina de Jesus. Ele reflete sobre questões sociais significativas como o fato de a autora estar à margem da literatura brasileira, pois além de ser pobre e negra, ela escrevia um tipo de texto diferente daquele que estava em uso na época. O seu livro causou uma ruptura no estilo de escrita quando foi lançado, por conter um texto de caráter autobiográfico em forma de diário. Pela primeira vez uma escritora pobre escrevia sobre a dura realidade em que vivia, sem o deslocamento de alguém distante escrevendo sobre a vida pobre de uma personagem ou comunidade. Ao analisar a concretude da pobreza representada no diário, o crítico escreve o seguinte:

No livro de Carolina, porque a pobreza é um estado real e concreto de carência, algo que os protagonistas do drama da miséria vivem como condição social e não como projeto de vida exemplar, a alegria é também muito mais palpável e toca diretamente os sentidos (VOGT, 1983, p. 208).

No contexto da miséria e da fome, em conformidade com a perspectiva de Vogt, Carolina questiona e denuncia com base na sua experiência diária; ela não tem medo de contar as mazelas da favela, fala claramente sobre os problemas de alcoolismo dos vizinhos, os abusos

físicos e morais cometidos contra as crianças, a ocorrência de incestos e de relações promíscuas, e principalmente o horror da fome.

Entretanto, quando Vogt se propõe a analisar os aspectos estéticos de *Quarto de despejo*, considera que a obra terá maior importância na esfera dos estudos do realismo etnográfico do que dentro do campo literário, destituindo-a dessa forma de seu carácter literário e deslocando-a para o testemunho (VOGT, 1983).

A pesquisadora Regina Dalcastagnè desenvolveu um estudo a fim de realizar um mapeamento das publicações das maiores editoras brasileiras; sobre esse deslocamento de uma obra para o campo do testemunho, ela afirma que:

Entender um livro como testemunho significa dizer que a trajetória de vida do autor é percebida como tão ou mais importante do que a sua obra, e reservar a apreciação “estética”, que é marca da valorização social, à escrita dos autores de elite. **Ou seja, a classe média descrevendo a classe média é literatura; pobre falando de pobres é testemunho;** pobre escrevendo sobre a classe média, ou a elite, já seria um “despropósito” (DALCASTAGNÈ, 2009, p. 54, grifo nosso).

Nesse contexto, obras como a de Carolina e de outras escritoras que produzem dentro de uma situação de pobreza e sofrimento são destituídas de literariedade; suas vozes são caladas e a literatura permanece como espaço privilegiado para um grupo bastante elitizado. Apesar de a autora conhecer essas dificuldades e perceber-se diante de um cotidiano árduo, do qual ainda não tem condições de se libertar, ela acredita na publicação de sua obra e busca na imaginação e na escrita um recolhimento, um espaço que lhe permita usufruir de momentos de esperança em dias mais alegres. Como no fragmento a seguir:

Eu deixei o leito às 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia (...). Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que residio num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (JESUS, 2014, p. 58).

Mesmo que para Carolina a favela seja um quarto de despejo, onde se deposita aquilo que não tem mais utilidade, ela insiste em sobreviver e encontra na literatura e na escrita um conforto que não é possível na sua realidade. Isso fica evidente em trechos como: “As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários” (JESUS, 2014, p. 60). Em raras oportunidades os momentos felizes dos livros se tornam realidade em sua vida e ela sempre registra quando acontece. Evidentemente, os dias em que ela consegue se alimentar são os mais propícios para desfrutar dessas preferências e Carolina também tem essa percepção

“Hoje eu estou alegre. Estou procurando aprender viver com espírito calmo. Acho que é porque estes dias eu tenho tido o que comer” (JESUS, 2014, p. 121).

No entanto, na cotidianidade da escritora, as dificuldades são permanentes e ela tem a sensibilidade de também perceber o desespero de outras pessoas com quem convive; está sempre atenta ao que se passa na favela e dentro de suas possibilidades procura ajudar aqueles que chegam até ela em situações tão difíceis quanto a sua; seja emprestando uns poucos trocados, doando algum alimento ou até mesmo através de apoio moral e emocional.

No momento em que a escritora se encontra na rua com uma senhora que foi despejada pela prefeitura e esta comenta que está pensando em suicídio por conta das dificuldades que enfrenta, Carolina reflete sobre como é terrível ouvir as lamentações dos pobres e que nessas falas não há poesia. No entanto, ela se compadece da senhora e tenta animá-la, compartilhando um fragmento que leu na Bíblia “Deus disse que vai concertar o mundo. Ela ficou alegre e perguntou-me: -- Quando vai ser isto, Dona Carolina? Que bom! E eu que já queria me suicidar!” (JESUS, 2014, p. 140). Ela também pede para que a mulher seja paciente e fica feliz ao vê-la mais animada.

Após despedir-se, ela segue seu laborioso caminho e, ao parar para consertar o saco de lixo que levava sobre a cabeça, encontra a poesia que lhe fez falta anteriormente: “Contemplei a paisagem. Vi as flores roxas. A cor da agrura que está nos corações dos brasileiros famintos” (JESUS, 2014, p. 141). A escrita de Carolina, mesmo sendo profundamente marcada pela pobreza e pela humilhação a que estão sujeitos os habitantes da favela, é carregada de lirismo e está presente na sua vida, tanto nos momentos felizes, quanto nos tristes.

Em paralelo ao lirismo empregado por Carolina em sua escrita, seu estilo era marcado por um conteúdo questionador e denunciativo; ela usava as palavras como armas de proteção. Em determinado dia após ser ameaçada por um vizinho, ela faz o seguinte comentário “Mas eu lhe ensinei que  $a$  é  $a$  e  $b$  é  $b$ . Ele é de ferro e eu sou de aço. Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada” (JESUS, 2014, p. 48). Nesse trecho ficam claras tanto a coragem de Carolina diante dos problemas, quanto a crença que ela depositava no poder de suas palavras.

#### **4 Literatura como força motriz da escrita feminina negra**

Carolina, em sua condição de mulher negra e favelada, tornou-se uma escritora mundialmente conhecida devido ao sucesso de *Quarto de despejo*. No entanto, ainda hoje muitos brasileiros desconhecem as suas obras. O seu diário é uma declaração única e comovente

sobre a dinâmica social urbana sob o ponto de vista de alguém que estava à margem da elite letrada e social-economicamente privilegiada. Ela transformou suas experiências diárias em literatura e revelou ao mundo a cultura de um grupo social que estava condenado à invisibilidade.

No mesmo contexto de produção de *Quarto de despejo*, outras escritoras negras brasileiras escreveram obras que se relacionam em vários aspectos com o diário de Carolina; na segunda parte deste estudo o foco de análise será a presença da leitura nas práticas sociais de mulheres que, como Carolina, viveram em situação de periferia.

Cabe destacar algumas concepções sobre leitura, relevantes para a compreensão desse fazer no âmbito da prática social na vida e na obra dessas escritoras. A professora, pesquisadora e escritora Maria Helena Martins procura ampliar o conceito de leitura que, segundo ela, usualmente se restringe a uma decifração da escrita e propõe uma concepção que vai além da pragmática: “ler significa inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de ler pelos olhos de outrem” (MARTINS, 1988, p. 23).

Nessa mesma perspectiva, Hans Robert Jauss atribui à leitura um poder emancipatório, que permite ao indivíduo compreender o universo textual de maneira concreta e única; sendo ele uma imitação direta ou alegórica do mundo em que vive, garante uma compreensão profunda e sensível da realidade.

A experiência da leitura logra libertá-lo das opressões e dos dilemas de sua práxis de vida, na medida em que o obriga a uma nova percepção das coisas. O horizonte de expectativa da literatura distingue-se daquele da práxis histórica pelo fato de não apenas conservar as experiências vividas, mas também antecipar possibilidades não concretizadas, expandir o espaço limitado do comportamento social rumo a novos desejos, pretensões e objetivos, abrindo, assim, novos caminhos para a experiência futura (JAUSS, 1994, p. 52).

Nessas duas concepções, a leitura é tida como uma habilidade capaz de provocar transformação, já que ela proporciona ao leitor o acesso a conhecimentos adquiridos ao longo da história e a experiências que ele possivelmente não viverá de forma concreta, mas que o farão ter uma perspectiva diferenciada, algumas vezes de afirmação de seus saberes e outras de contradição respeito a eles, provocando um pensamento crítico sobre si e sobre a realidade em que está inserido.

Tanto na obra de Carolina, quanto na narrativa de Conceição Evaristo, percebe-se a materialização desses conceitos; assim, destaca-se que as duas escritoras escrevem sobre a importância da leitura e da escrita em sua formação como indivíduo e na compreensão da realidade.



A limitação do espaço físico e a pobreza econômica em que vivíamos eram rompidas por uma ficção inocente, único meio possível que me era apresentado para escrever os meus sonhos. Ler foi também um exercício prazeroso, vital, um meio de suportar o mundo, principalmente adolescência, quando percebi melhor os limites que me eram impostos (EVARISTO, 2005, p. 1).

Evaristo é uma das principais estudiosas da literatura de Carolina e as histórias de vida das duas têm vários pontos em comum. Ambas negras e pobres, nasceram em Minas Gerais, em famílias humildes, encontraram na escrita uma maneira de sistematizar e apreender suas experiências de vida e na leitura uma atividade prazerosa que lhes permite sonhar e suportar as dificuldades.

A partir dessa forma particular de escrita, Conceição criou o conceito de “escrevivência”, que está presente tanto nas obras de Carolina quanto nas suas, e que consiste na escrita a partir das experiências que o autor obtém ao longo de sua vida, específica da escrita de sujeitos-mulheres-negras. “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, p. 2).

Logo nas primeiras páginas de *Becos da Memória*, nos agradecimentos, Evaristo relembra as agruras que enfrentou para publicar a obra e relata que o livro ficou guardado por vinte anos na “gaveta do esquecimento” até ser finalmente publicado em 2006<sup>5</sup>. Essa dificuldade relatada pela autora também angustiava Carolina que, depois de ter seus originais devolvidos por uma revista americana, escreve: “Cheguei na favela. Triste como se tivessem mutilado os meus membros. O *The Reader Digest* devolve os originais. A pior bofetada para quem escreve é a devolução de sua obra” (JESUS, 2014, p. 154). Carolina fica tão triste com essa rejeição que pensa em queimar os cadernos.

Em *Becos da Memória*, a narradora é Maria-Nova, uma menina que realiza uma espécie de viagem no tempo e que, através dela, constrói, entre fatos e ficção, a história de sua infância na favela. A escrita surge possibilitando uma espécie de homenagem póstuma da neta para sua avó e são contadas várias histórias de vizinhos e familiares, vivos e já falecidos, que marcaram as lembranças e experiências da pequena.

Maria-Nova é uma criança curiosa, sempre atenta às histórias contadas pelos mais velhos; algumas são histórias vividas durante a escravidão, cheias de tristeza, de dor e de morte, “[...] Maria-Nova, que escolhia as mais dilacerantes e as guardava no fundo do coração” (EVARISTO, 2017, p. 30). A menina, assim como Carolina, sentia a necessidade de

---

<sup>5</sup> Apesar das dificuldades e da demora na primeira publicação, o livro está em sua terceira edição e tem sido acolhido e analisado tanto por leitores quanto por pesquisadores.

compartilhar com os outros aquilo que ouvia e que vivia em seu dia a dia na favela; essa vontade fica evidente quando o narrador descreve: “Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tão atentamente. Não perdia nada” (EVARISTO, 2017, p. 31).

A personagem Maria-Nova não consegue explicar seus sentimentos; em alguns dias é tomada por uma tristeza profunda e chora; nessas ocasiões ela procura pelas histórias mais tristes e dolorosas: “Hoje quero tristeza maior, maior, maior... Hoje quero dormir sentindo dor.” (EVARISTO, 2017, p. 32). No texto *Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face*, produzido por Evaristo e apresentado na mesa de escritoras convidadas ao X Seminário Nacional Mulher e Literatura e I Seminário Internacional Mulher e Literatura/ UFPB, em 2003, e, posteriormente, em 2005, publicado em *Mulheres no Mundo – Etnia, marginalidade e diáspora*, torna-se óbvia a parença de Maria-Nova com Evaristo, pois a mesma dor sentida pela menina, que desperta nela a ânsia de escrever, é sentida por Conceição no ato da escrita “Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco...” (EVARISTO, 2005, p. 02).

Carolina em seus momentos de desespero, quando é acometida pela tristeza ou pela dor, também vê na escrita e na leitura um meio de restaurar o equilíbrio mental e o bem-estar, conforme se observa neste excerto: “Fiz o almoço, depois fui escrever. Estou nervosa. O mundo está tão insípido que eu tenho vontade de morrer. Fiquei sentada no sol para aquecer” (JESUS, 2014, p. 179).

Em *Becos da Memória*, o personagem Bondade, que é um dos contadores mais queridos por Maria-Nova, inicia uma história da seguinte forma:

O Homem nascera bem longe dali. Quando criança fora, até um dado momento, um moleque qualquer. Um dia aprendera a ler. A leitura veio aguçar-lhe a observação. E da observação à descoberta, da descoberta à análise, da análise à ação. E ele se tornou um sujeito ativo, muito ativo. Não era um mero observador, um enamorado das coisas e do mundo. Era um operário, um construtor da vida (EVARISTO, 2017, p. 54).

Nesse excerto, a leitura é apontada como uma habilidade emancipatória que afeta profundamente a personagem e altera a sua atitude perante a vida de maneira irrevogável. Da mesma forma, para Antoine Compagnon “a literatura é de oposição: ela tem o poder de contestar a submissão ao poder” (COMPAGNON, 2009, p. 34); assim, percebe-se no decorrer da história essa insubordinação provocada pelo conhecimento/leitura no indivíduo, que acaba transformando também a comunidade. A personagem nomeada como “Homem” ensinou os pequenos a ler, se revoltou com as injustiças cometidas pelos poderosos e, munido de

conhecimento, pois aprendeu sobre os direitos que possuía, assumiu a liderança e apoiou a sua comunidade na construção de uma vida mais digna e justa. Sobre esse poder catártico da literatura Compagnon afirma que:

Seu poder emancipador continua intacto, o que nos conduzirá por vezes a querer derrubar os ídolos e a mudar o mundo, mas quase sempre nos tornará simplesmente mais sensíveis e mais sábios, em uma palavra, melhores (COMPAGNON, 2009, p. 51).

Maria-Nova deixa-se conduzir e emociona-se com o poder da história, sente em seu corpo toda a dor de seu povo oprimido e sofredor, sempre perdedor nesse duelo entre a covardia dos poderosos e o sofrimento dos necessitados. Ela compreende com clareza a urgência de mudanças na favela e acredita que esse poder emancipatório servirá como instrumento para executar essas transformações, assim como ocorre na história contada por Bondade. Ela sente empatia pela personagem e percebe que eles têm muito em comum: “Ambos, quando pequenos, tinham o desejo de aprender a ler. Pequenina ainda, se entretinha horas e horas com revistas e jornais que a mãe e a tia lhe traziam. Tio Tatão, por vez ou outra, aparecia com um presente, um livro” (EVARISTO, 2017, p. 63).

A empatia e identificação entre as duas personagens podem ser apontados como uma consequência do apreço que ambos demonstram pela literatura, conforme aponta Compagnon (2009, p. 49): “Em favor da literatura cria-se uma personalidade independente capaz de ir ao outro”. Mesmo que Maria-Nova entenda que Bondade é uma personagem da história e que ele não está presente em suas experiências reais, ela apreende suas atitudes e identifica-se com elas, por isso desperta nela o desejo de reproduzir as atitudes dele.

Como resultado, esse pensamento íntimo transforma-se em ideia: “quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado em seu corpo, na sua alma, na sua mente” (EVARISTO, 2017, p. 151); por fim tornou-se propósito:

Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova em dia escreveria a fala de seu povo (EVARISTO, 2017, p. 177).

O poder que Maria-Nova encontra na literatura oral, que constitui as histórias contadas pelos mais velhos para ela, se converte em força que a coloca em movimento e a impulsiona a continuar lutando pela vida mesmo depois de que a favela é destruída e que muitos personagens

morrem. Essa força lhe permite ver com amplitude e buscar as transformações que acredita ter condições de alcançar através da literatura.

O impacto que a literatura provoca na vida da personagem se aplica também ao leitor; nesse caso Maria-Nova desempenha as duas funções. O filósofo e linguista Tzvetan Todorov descreve:

[...] a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; **a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente**. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano (TODOROV, 2009, p. 23-24, grifo nosso).

Assim, a literatura apontada por Todorov é a força motriz que sensibiliza e impulsiona essas escritoras em suas práticas sociais cotidianas. Foi através dela que Carolina buscou nos livros outras formas de ler e compreender o meio social em que vivia, e, sob um ponto de vista *sui generis*, construiu um texto poderoso que se tornou conhecido, admirado e estudado por incontáveis pessoas, tanto no meio acadêmico quanto na sociedade em geral.

Da mesma forma, quando Conceição teve acesso irrestrito à biblioteca da patroa de sua tia onde, segundo ela, “Na época lia dos olhos doer” (EVARISTO, 2005, p. 2), a literatura lhe abriu portas para um universo até então desconhecido. Com efeito, essas descobertas a colocaram em contato com questões de identidade, racismo, espaço privilegiado de produção e as representações da mulher negra na literatura. Sobre essas questões a autora tem se debruçado, provocando reflexões pertinentes no que se refere à leitura como uma prática social.

Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas *descrito*, mas antes de tudo *vivido* (EVARISTO, 2005, p. 6, grifo da autora).

Senhora de sua pena, atualmente Conceição Evaristo é a escritora brasileira negra de maior sucesso editorial e crítico e o espaço que ela conquistou é de extrema relevância tanto pela qualidade estética de suas produções quanto pela importância das questões citadas acima. Através de sua escrivência ela tem colocado em evidência as histórias vividas pelas mulheres negras e dado voz a elas, silenciadas por tanto tempo na literatura brasileira.

## 5 Considerações finais

A partir da leitura e análise das obras *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus e *Becos da Memória* de Conceição Evaristo, observou-se a influência da literatura/leitura em suas práticas sociais cotidianas. Sua produção é relevante diante da situação da leitura no país, em que as pesquisas apontam para uma significativa diminuição de leitores, bem como para a predominância de escritores homens e brancos entre as listas dos livros mais vendidos.

Na primeira parte do estudo elaborou-se uma análise da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, a fim de identificar na narrativa trechos que evidenciassem a influência da leitura/escrita nas práticas sociais de Carolina. Para ela, essas atividades eram ferramentas de organização e compreensão da realidade; a partir delas, reconstruía seus sonhos e objetivos. Mesmo em meio à fome e à miséria, Carolina encontrava no ato de ler e escrever um porto seguro para buscar esperança de uma vida com melhores condições; a leitura era tanto um recurso de humanização e felicidade, quanto um meio para atingir objetivos práticos.

Já na segunda parte, foram observados aspectos relacionados com o livro *Becos da Memória*. Inicialmente o objetivo era construir esse paralelo também com outras obras, mas dada a profundidade de ambas e a limitação do espaço-tempo, restringiu-se o alcance do projeto. As duas obras foram criadas em um contexto de periferia, em meio à miséria, e contadas a partir de pontos de vista semelhantes, por mulheres negras e pobres. Em *Becos da Memória*, a narrativa é construída a partir da intrínseca relação autora-personagem, e essa “escrevivência”, conceito criado por Conceição Evaristo, é um aspecto importante nos textos das duas escritoras.

Desse modo, ficou evidente a importância da leitura como prática social na vida das autoras, ambas mulheres negras que cresceram em ambientes pobres e com difícil acesso a livros e educação, e que puderam, através da leitura e da escrita, enfrentar-se a um lugar de submissão imposto por uma sociedade que as deixava à margem. Senhoras de suas penas, essas escritoras conseguiram com muito ardor construir textos poderosos, hoje conhecidos no mundo todo, e que deram voz a mulheres que viviam e ainda vivem essa mesma realidade.

## Referências

BRASIL. **Retratos da Leitura no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2020.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2009.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 26., p. 13-71, jul./dez. 2005.

DALCASTAGNÈ, Regina. Encruzilhadas da narrativa brasileira contemporânea. *In*: GOMES, Carlos Magno. **Língua e Literatura**: propostas de ensino. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Da Grafia – Desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: ALEXANDRE, Marcos Antonio (org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p 16-21.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (org.). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade, diáspora. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária - UFPB, 2005. p. 201-212.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. 78 p.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 9. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

OS LIVROS MAIS VENDIDOS. **Veja**, 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/livros-mais-vendidos/>. Acesso em: 30 jun. 2021.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual. *In*: SCHWARZ, Roberto (org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.